

Pontos de reflexão sobre a Bhagavad Gita

Ponto 1

Quantos são os tipos de Yoga?

Apenas um tipo de Yoga é tratado na Gita. Em apoio desta afirmação, leia as primeiras frases do capítulo 4

IV-1 – Este Yoga Imutável... (singular).

IV-2 – Esse Yoga foi destruído...

IV-3 – Exatamente esse mesmo Yoga ancestral é aqui enunciado a ti por mim.

O grande mestre deste yoga eterno, segundo a Gita, é Krishna, chamado explicitamente de Yogeshvara (o senhor do yoga) no capítulo XVIII – 75 e 78.

Ponto 2

O conceito de renúncia

Para entender o Yoga da Bhagavad Gita é preciso entender o conceito de “renúncia” enunciado no texto. Lembre-se de que para ser um renunciante, é preciso ter alguma coisa à qual renunciar. A Gita se refere à renúncia aos atos que são motivados por nossos desejos. Mas as ações motivadas pelo coração, as ações motivadas pelo dharma, devem ser feitas, sem apego aos resultados que serão obtidos. Este conceito é detalhado no capítulo XVIII (o último capítulo da Gita). Leia esse capítulo para entender este conceito.

Logo no início desse capítulo ele distingue a “renúncia às ações” (samnyasa) do “abandono dos frutos das ações” (tyaga), que são os dois aspectos marcantes do yoga da Bhagavad Gita, pois permitem que as ações sejam feitas da forma correta. Sem apego à ação em si e sem apego aos frutos da ação. O fazer, dessa maneira fica isolado da interferência de desejos ou aversões egoístas, e a ação é vista pelo seu aspecto e motivação verdadeiros – ou seja, pelo dharma que essa ação corporifica.

Ponto 3

A distinção entre o falso e o verdadeiro

Só se deve renunciar ao falso. Só se deve abandonar o falso. Ninguém deveria se envolver (sanga) com o falso. Para ter sucesso no yoga precisamos aprender a distinguir entre o verdadeiro e o falso.

II-16 – o existente não deve ser percebido como falso. O inexistente não deve ser percebido como verdadeiro. O limite entre estes dois, no entanto, é visto pelos que enxergam a essência (tattvadarshinas).

Não se deve impressionar com as aparências, pois só quem enxerga a essência das coisas alcança a percepção do que é verdadeiro.

II-17 – entenda, porém como indestrutível (verdadeiro) aquele pelo qual este mundo todo se estende (é criado). A destruição deste imutável ninguém tem a capacidade de fazer.

A verdade pode ser negada, mas jamais pode ser destruída, pois a verdade é a própria essência das coisas.

Ponto 4

O que existe e o que não existe

Quem se une àquilo que existe de verdade, fixa sua convicção na realidade única e sua inteligência perceptiva (buddhi) fica focada, e não dividida. Esse é o uso adequado da inteligência (buddhiyoga).

II-41 – por si mesma resolvida, a inteligência é uma só, aqui (é focada), ó Kurunandana. A inteligência dos que não firmam convicção é realmente múltipla e sem limites.

Patanjali afirma que temos muitas mentes dentro de nós, mas que devemos nos servir da única dentre elas que nos dá o acesso direto ao coração. Essa é a mente do yogui, movida pela inteligência perceptiva (buddhi) que nos dá o acesso ao discernimento e à sabedoria.

O ajustamento da inteligência ao “fazer” e não às especulações sobre os frutos é também uma necessidade para a realização do yoga.

II-49 – de longe, realmente, a ação é inferior ao uso da inteligência, ó Dhanamjaya. Busque proteção na inteligência. Dignos de piedade são aqueles que buscam os frutos (da ação).

A ação sem a inteligência perceptiva nos conduz cada vez mais para o falso e o destrutível, no mundo. E essa inteligência só é obtida e manifestada através do yoga.

Ponto 5

A ação e o discurso

A inteligência bem ajustada se expressa como um “fazer”, e não como discurso. Sua realização é o que dá suporte (dharma) à vida do indivíduo.

Este “fazer” da inteligência bem ajustada é o yoga, propriamente dito. É com ele que se constrói, verdadeiramente, o universo, segundo a crença hindu.

Ponto 6

Dharma e Karma

Relação entre o svadharma e o **niyatam karma**.

II- 31 a 33 – sobre o svadharma:

“... E ainda, tendo percebido seu próprio dharma, não deves temer, pois nada é melhor para um kshatriya, do que uma guerra evocada pelo dharma. (...) No entanto, se não fazes esta guerra por causa do dharma (ou seja, se tens outra razão para ela), incorres num ato maligno e descumpres o teu próprio dharma”.

III-8 – faça o teu niyatam karma (a ação derivada de sua própria natureza), pois a ação é superior à inatividade. A própria vida no corpo não se completa na inatividade

III-35 e XVIII-47 – mais vale seguir o próprio dharma, ainda que imperfeitamente, do que cumprir o dharma alheio com perfeição...

XVIII-48 – não se deve abandonar o sahajam karma (ação inata), ainda que deficiente, ó Kaunteya, pois de fato todo começo se reveste de imperfeições, assim como o fogo (se reveste) de fumaça.

XVIII-7 a 9 – não se deve renunciar ao niyatam karma, mas sim realizá-lo com desapego.

XVIII-23 – O niyatam karma que é feito sem apego, sem desejo ou aversão e sem o objetivo do desfrute dos resultados, se diz que é sattvico (essencial).

Ponto 7

Indiferença às dualidades

O Yoga é a equanimidade, o equilíbrio.

II-38 – Tendo tornado iguais prazer e sofrimento, aquisição e perda, vitória e derrota, ajuste-se à guerra, e realmente não incorrerás em ações malignas.

II-48 – Firme no yoga faça as ações, tendo abandonado o apego, ó Dhanamjaya. Tendo se tornado o mesmo no sucesso ou no fracasso, se diz que Yoga é equanimidade.

A indiferença às dualidades aparece também em outras frases, como IV, 22, por exemplo.

Ponto 8

Ação ritualizada

Devemos ritualizar as ações para alcançar Brahma. Uma ação ritualizada (karma) é uma ação que tem um propósito, que tem um resultado que se espera obter com o seu cumprimento. Só a ação que tem a possibilidade de produzir frutos permite que haja uma renúncia, ou sacrifício. É preciso, portanto dar uma intenção verdadeira (nascida de Brahma, em nosso coração) para cada ação que cumprimos, e também é preciso cultivar o desapego aos seus frutos.

III-9 – Este mundo é aprisionado aos atos que não são de sacrifício. Livre do apego, conduz tuas ações como atos de sacrifício.

III-14 e 15 – Os seres surgem do alimento. O alimento vem à existência com a chuva. Do sacrifício surge a chuva. O sacrifício é o surge da ação (karma). Saiba que a ação é o resultado de Brahma (o eu que habita dentro de nós). Brahma é o resultado do indestrutível. Portanto Brahma, que vai a toda parte, está eternamente estabelecido no sacrifício.